

**OFICINA PAISAGEM SONORA: MEMÓRIA E IDENTIDADE**  
**Ingrid S. Soares<sup>1</sup> e Victória F. Robadey Carvalho<sup>2</sup>**

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados obtidos na Oficina Paisagem Sonora: Memória e Identidade desenvolvida durante o Seminário Internacional Paisagem Sonora: Escutas e Representações, realizado em 28 e 29 de novembro de 2018 na FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz. A Oficina foi desenvolvida com os bolsistas de iniciação científica Ingrid Souza Soares (IC FAPERJ), Aline Ourique (IC CNPq) e Jones Mauro Miranda (IC UFRJ), com o apoio técnico da arquiteta e urbanista Victória Ferreira Robadey Carvalho (TCT FAPERJ), sob a coordenação das professoras Andrea Queiroz Rego (PROARQ – FAUUFRRJ) e Marcela Maciel (UFFS), no âmbito da pesquisa Paisagem Sonora, Memória e Cultura.

O objetivo da Oficina foi demonstrar aos participantes a importância da educação sonora que permite desenvolver uma escuta capaz de identificar a diversidade sonora urbana de modo sincrônico – as diferentes paisagens sonoras presentes na cidade e diacrônico – a transformação dessas paisagens no tempo.

O estudo da transformação da paisagem sonora urbana é possível ser feito a partir da leitura das crônicas da Cidade do Rio de Janeiro, nas quais encontramos registros dos sons que identificam o cotidiano da cidade nos seus diferentes tempos. No passado, sem a existência dos equipamentos de captação e estocagem de som, os relatos literários se tornam relevantes fontes de pesquisa, quando os escritores testemunham fragmentos sonoros presentes na paisagem e, os descrevem, com o objetivo de recriarem as ambiências por eles vivenciadas.

Ao longo de 8 anos a Pesquisa desenvolveu um Mapa Sonoro Literário que é um conjunto de fragmentos sonoros georeferenciados, retirados de crônicas pré-selecionadas e analisadas quanto: a época que pertencem, a fonte sonora produtora e a testemunha auditiva (autor/cronista). As crônicas analisadas foram da autoria de Machado de Assis (1839-1908); Paulo Barreto (1881-1921); Marques Rebelo (1907-1973); Rubem Braga (1913-1990) e Carlos Heitor Cony (1926-2018).

Para fins de análise, os fragmentos sonoros foram encaixados em Períodos Sonoros, que nada mais são que recortes temporais entre 20 e 30 anos determinados em função das tecnologias que permitiram a transformação do som, em termos de transmissão e estocagem. Estes recortes temporais foram denominados de: Pré-Gramofone (período anterior a 1902), Gramofone (1902-1921); Rádio (1922-1949); Fita Magnética (1950-1981); Disco Óptico (1982- 1994) e Streaming (1995- os dias atuais).

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação, bolsista IC-FAPERJ

<sup>2</sup> Arquiteta, bolsista TCT FAPERJ

Orientadora: Andrea Queiroz Rego

Quanto a fonte produtora sonora – os objetos sonoros, foram agrupados conforme sua natureza semelhante – Animais, Ser Humano, Transporte etc - permitindo uma análise qualitativa e quantitativa da transformação da Paisagem Sonora do Rio de Janeiro, ao longo do tempo.

## METODOLOGIA

A Oficina foi concebida para que os participantes desenvolvessem pequenos mapas sonoros, mas de modo mais simplificado. Assim, foram tomadas algumas decisões práticas. A primeira delas foi de reduzir o número de Grupos Sonoros usando uma classificação mais simples, com apenas 6 grupos: sons naturais, sons humanos, sons mecânicos, sons indicadores, sons da sociedade e silêncio. A segunda foi de reduzir os períodos de estudo compreendendo apenas 3 que permitissem a percepção de grandes diferenças sonoras.

Os participantes foram divididos em dois grupos e cada grupo recebeu um mapa da Cidade, no qual deveriam localizar os diferentes fragmentos sonoros identificados nas crônicas.

O primeiro grupo recebeu crônicas ou fragmentos de crônicas onde eram representados o mesmo grupo sonoro, no caso os sons mecânicos, e de modo mais específico, o som dos transportes, nos 3 períodos de tempo. O objetivo da proposta deste recorte foi provocar a reflexão sobre o avanço da malha urbana da cidade e com ela os diferentes sons que foram dominando a paisagem dos lugares.

O segundo grupo recebeu outros tipos de Fragmentos Sonoros, tendo em mãos um recorte com onde os Fragmentos Sonoros faziam parte de um mesmo Período Sonoro. O objetivo era que os participantes pudessem analisar a paisagem de determinada época e com isso foi possível constatar as diferentes paisagens que preenchiam o território do Rio de Janeiro no Período Sonoro do Rádio (1922 - 1949).

Ao término do desenvolvimento dos mapas cada grupo apresentou o mapa gerado, os quais serviram de base para o debate sobre a percepção da transformação da paisagem sonora.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

Verificou-se que os participantes tiveram alguma dificuldade em identificar os fragmentos sonoros nas crônicas, sendo necessária uma maior orientação dos organizadores. Após esse apoio foi interessante perceber que o Grupo 1 (sons do transporte) conseguiu identificar outros sons de naturezas distintas.

O Grupo 2 (sons do período do rádio) destacou a percepção de sons naturais e silêncio na então pouco ocupada Zona Sul do Rio, em comparação com o Centro, mais adensado e com maior diversidade de objetos sonoros.

O debate serviu para que diversos outros sons, ausentes das crônicas, fossem lembrados pelos participantes, ativando a memória sonora individual de todos. Além disso, foi percebido que muitos sons descritos no passado (período do rádio) ainda estão presentes nas áreas de periferia da Cidade, em bairros menos densos e de menor faixa de renda.

O debate ativou relatos “saudosistas”, de sons, geralmente lembrados da infância e relacionados com a natureza, tal como, falas “preservacionistas”, destacando a importância de controlar o ruído veicular para que outros sons possam, ainda, ser escutados.

Palavras-chave: Paisagem Sonora; Educação da Escuta e Memória Sonora